



PRAXES

Universidades arrancam o ano com programas alternativos de integração dos alunos

Em várias instituições as iniciativas já aconteceram em anos anteriores. O ministro com a tutela do Ensino Superior, Manuel Heitor, tinha apelado a que instituições encontrassem alternativas às praxes

Camilo Soldado

Após um Verão em que a praxe académica esteve constantemente na agenda, muito por “culpa” do ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor e o primeiro-ministro António Costa estiveram ontem na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para assistir ao início do ano lectivo.

E em Almada, o ministro gostou do que viu. “O que se viu hoje aqui é que o ensino superior é uma alegria e que estudar é um esforço, mas é um esforço que tem de ser feito com alegria. E o nosso papel é dar oportunidades para que todos os jovens, através do ensino superior, acedam ao conhecimento”, disse, citado pela Lusa. Ao final de uma tarde em que assistiu com Costa a actividades promovidas pela instituição com vista à integração dos novos alunos, Manuel Heitor manifestou-se satisfeito com a opção por uma alternativa às praxes, que há meses classificou como uma prática “fascizante”. Enviaria depois

uma carta às instituições a pedir programas alternativos de integração e um documento assinado por 100 personalidades, entre as quais políticos de vários quadrantes, apontava para a mesma necessidade.

A resposta das instituições são variadas: a Faculdade de Arquitectura de Lisboa apresenta uma “nova abordagem da praxe”, que “envolve a comunidade de forma solidária”, incluindo a Comissão de Praxes; os alunos da Católica de Lisboa também participaram numa “alternativa à praxe tradicional” e foram passar um dia a apanhar batatas nos campos agrícolas da Golegã. Estes são apenas dois exemplos. A designação varia conforme a instituição, com algumas a assumir uma “nova abordagem à praxe” e outras uma “alternativa à praxe”, mas parece haver uma maior sensibilidade sobre o tema.

No Porto, os recém-chegados são recebidos hoje em frente à reitoria, na Baixa. Como cumprimento de boas-vindas, mais de 4000 novos estudantes terão acesso gratuito a 16 pontos emblemáticos da cidade como a Torre dos Clérigos ou o Mu-

seu de Soares dos Reis. O reitor da Universidade do Porto explica que a iniciativa, que vai no segundo ano, não é uma forma de reacção ao repito ministerial, mas que, no fundo, o objectivo passa pelo mesmo: “Proporcionar aos novos estudantes uma recepção que ajude a integração académica”. Sebastião Feyo de Azevedo não entende esta prática como “uma substituição da praxe”, até porque considera um “conjunto de actividades académicas”, como a imposição de insígnias, “interessantes”. O que a UP não quer é que haja actividades “pouco dignas” que acontecem, por vezes, no decorrer dessas práticas.

Em Lisboa, o ISCTE organiza o luelcome pelo terceiro ano e que, ao longo da primeira semana, envolve estudantes, docentes e serviços do instituto. Assim, “os alunos ficam a conhecer o *campus*, a conhecer outros colegas do primeiro ano, os colegas mais velhos, os docentes e os rostos das pessoas nos serviços”, explica a pró-reitora para a área da inovação curricular e pedagógica do ISCTE, Susana Carvalhosa. Mais uma vez, as palavras para definir a iniciativa são “receber e integrar”. Já o reitor



3 PERGUNTAS A MIGUEL CARDINA

“O combate tem que ser de natureza cultural, de mud

O investigador do Centro de Estudos Sociais estudou a praxe numa perspectiva histórica, com trabalhos no contexto da crise académica de 1969.

Qual o papel das instituições do ensino superior na prevenção dos abusos na praxe?

A praxe é um fenómeno que ocorre no âmbito da actividade estudantil e faz todo o sentido as instituições terem uma palavra a dizer. Neste início do ano lectivo houve uma série de instituições que tomou uma posição no sentido de dizer que não toleram atentados à dignidade dos estudantes e que os abusos praticados no âmbito das praxes são uma coisa intolerável e incompatível com aquilo que deve ser a função de uma instituição de

ensino superior. Parece-me bem que isso aconteça e cabe nas competências das instituições ter este papel de salvaguarda da dignidade dos novos estudantes e da própria imagem.

O presidente do CRUP disse que as praxes só acabam quando os estudantes acharem que não faz sentido. Estes eventos de acolhimento podem ajudar a caminhar nessa direcção?

São níveis diferentes. Há uma mudança em termos de mentalidade que é importante trabalhar, que passa por não ter tolerância para com os abusos e com os actos de violência a coberto da ideia de integração dos novos alunos. E isso é uma mudança cultural de longo fôlego que não é um decreto que elimina. Ao mesmo tempo, as instituições têm vindo a tomar



NUNO FERREIRA SANTOS



Quando a alternativa parte dos estudantes

Camilo Soldado

O acolhimento aos recém-chegados não passa só pelas mãos das instituições. Em Coimbra e em Lisboa, grupos de estudantes organizaram-se para ajudar a integrar os novos alunos sem hierarquias, constituindo-se como alternativas à praxe, em que os “caloiros” são recebidos pelos “doutores”.

Pelo terceiro ano, o Cria’tividade apresenta um programa com actividades culturais, desportivas e debates para evitar “o monopólio” da praxe, como foi dito pela organização na apresentação do calendário de iniciativas. A ideia partiu de um grupo informal de estudantes em 2014 e define-se como “uma plataforma aberta, horizontal, composta por estudantes e não só”, lembra Valdemar Gomes, um dos porta-vozes da iniciativa.

O estudante de Direito explica que o Cria’tividade pretende “criar um espaço seguro e heterogéneo dentro da universidade”, assim como proporcionar uma introdução “à universidade e à cidade dos novos estudantes que seja anti-hierárquica e sem submissão”. No entanto, o papel da iniciativa, diz, não é posicionar-se contra ou a favor da praxe, tanto que as actividades do programa são abertas a todos os estudantes.

“A crítica não fica fechada na praxe. Vamos ter um debate, *Taras e Manias*, que é sobre as hierarquias e rituais dentro da academia”, esclarece o estudante de direito.

O debate é apenas um dos eventos previstos na programação deste ano, que começou segunda-feira com a banca perto da zona em que os novos estudantes da universidade fazem a matrícula e só termina no dia 8 de Outubro. Nos eventos estão envolvidas várias repúblicas de Coimbra, organismos autónomos e secção da Associação Académica de Coimbra.

Na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa surgiu este ano um projecto semelhante ao de Coimbra. O

AlternAtiva está a ajudar a integrar os novos estudantes pela primeira vez e define-se como “uma alternativa à praxe”, sendo que também não exclui quem seja pela praxe e queira participar. Uma iniciativa que se constitua como outra possibilidade de “convívio e dinamização cultural” e “que seja aberta a toda a gente”, define Rebeca Csalog, uma das organizadoras.

A estudante de Antropologia conta que, apesar de em anos anteriores existirem iniciativas como o MATA (movimento antitradição académica), estas focavam-se no combate à praxe e não ofereciam “uma recepção diferente aos novos alunos”. Daí começou a conversar com amigos. “Sentíamos que havia colegas nossos que iam para a praxe só por falta de maneiras de conhecerem outras pessoas, especialmente com pessoas que vêm de fora de Lisboa e não conhecem ninguém”, conta.



Em Coimbra e Lisboa, estudantes criaram alternativas à praxe e ajudam a integrar os novos alunos

A organizadora da iniciativa sublinha que, apesar de haver ali quem tenha posições bastante críticas em relação à praxe, a actividade “não é um movimento antipraxe”, mas constitui-se antes como uma alternativa. “É contrariar a praxe pela positiva”, diz.

Quanto a parcerias, a AlternAtiva, que arranca segunda-feira e vai até ao último dia do mês, não tem apoios, mas tem a autorização da direcção da faculdade para utilizar o espaço. No projecto que começou por acolher os estudantes do programa Erasmus estão envolvidos cerca de 50 pessoas, refere a estudante, sendo que a AlternAtiva já se estendeu para além da FCSH. Começa pela Faculdade de Medicina Veterinária e Rebeca diz ainda que colegas de outras faculdades já entraram em contacto para organizar iniciativas do género ao longo do ano.

ança de mentalidade”

consciência que não podem tapar os olhos sobre essa questão.

Proibir a praxe é a solução?

Os actos de abuso e de violência sobre outrem já são proibidos legalmente. Há um trabalho de valorização que deve ser feito daquilo que são alternativas à chamada integração dos alunos, quer da parte dos estudantes, quer das instituições. O caminho é sobretudo esse. Quer iniciativas alternativas que em Coimbra se realizam, quer a responsabilização que algumas instituições chamaram a si para organizar, parecem-me ir no bom sentido. O combate tem que ser de natureza cultural, de mudança de mentalidades e tornar obsoleto aquilo que, já de si, é obsoleto.



da Universidade de Coimbra, João Gabriel Silva, refere que, para além dos habituais programas de recepção aos novos estudantes, não houve nenhuma “alteração substancial”. O reitor da UC refere o apoio a iniciativas de estudantes (ver texto ao lado) e o diálogo com os estudantes como forma de evitar “que haja excessos”, mas diz que também não é isso “que faz desaparecer as actividades da praxe”.

Várias são as instituições que proibiram actividades da praxe no *campus*, como o ISCTE ou a Universidade do Algarve, que viu uma estudante sua internada em 2015 na sequência de uma praxe violenta. Sem referir a palavra “praxe”, Feyo de Azevedo diz que “não são permitidas actividades nas instalações da UP que atentem contra a dignidade, liberdade e direitos dos estudantes”. Mas entende que os problemas relacionados com praxes violentas “não se resolvem por decreto, mas por evolução cultural que temos que ajudar a que ocorra”.

Também há quem a defenda.

As juventudes partidárias de direita insurgiram-se contra as palavras de Heitor. A Juventude Social-democrata acusou o ministro de “radicalismo”, considerando que a praxe, “quando bem realizada, promove a integração de forma recreativa, lúdica e pedagógica”. E criticou o ministro por “tratar de forma igual o que é diferente” e de não saber “distinguir o bom do mau”. Já este mês, a Juventude Popular lamentou as recomendações de Heitor, que consideram “severamente generalistas, ideologicamente preconceituosas e tradicionalmente ignorantes”. O *dux* de Coimbra, João Luís Jesus, não vai tão longe. “O senhor ministro pode decidir e tecer as opiniões que quiser. Não quer dizer que toda a gente neste país concorde com ele.” Para o responsável máximo pela praxe da academia mais antiga do país, as iniciativas promovidas pelas universidades são “bem-vindas”, considerando também que “tem que haver uma diversidade de ofertas” que mostre aos novos estudantes “aquilo de que eles podem usufruir no novo ambiente. As tradições académicas são uma das vertentes, mas não a única.”



NOVA POLÍTICA
UNIVERSIDADES COMEÇAM
ANO COM ALTERNATIVAS
ÀS PRAXES Destaque, 2 a 3

Costa e Manuel Heitor estiveram na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para “abrir” o novo ano lectivo